



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

JOSÉ VICTOR CARVALHO DA SILVA

**ANTROPOFAGIA CATÓLICA:
O Ato de Deglutir Para Encontrar a Paz**

**João Pessoa – PB
2025**

JOSÉ VICTOR CARVALHO DA SILVA

ANTROPOFAGIA CATÓLICA:
O Ato de Deglutir Para Encontrar a Paz

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito complementar para obtenção do título de Licenciatura em Ciências das Religiões, sob orientação da Professora Dr^a. Fernanda Lemos e coorientação da professora Dr^a. Kelly Thaisy Lopes Nascimento.

João Pessoa – PB
2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586a Silva, José Victor Carvalho da.

Antropofagia católica: o ato de deglutir para encontrar a paz / José Victor Carvalho da Silva. - João Pessoa, 2025.

41 f. : il.

Orientação: Fernanda Lemos.

Coorientação: Kelly Thaisy Lopes Nascimento.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Antropofagia. 2. Eucaristia. 3. Católicos. I. Lemos, Fernanda. II. Nascimento, Kelly Thaisy Lopes. III. Título.

UFPB/CE

CDU 272(043.2)

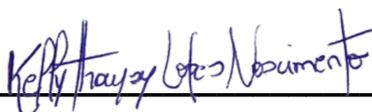
JOSÉ VICTOR CARVALHO DA SILVA

ANTROPOFAGIA CATÓLICA: O Ato de Deglutir Para Encontrar a Paz

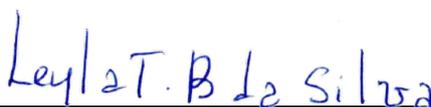
Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Licenciatura em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências das Religiões.

Aprovado em: 05 de maio de 2025

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Kelly Thaysy Lopes Nascimento
Presidente da Banca



Prof^ª. Dr^ª. Leyla Thaís Brito da Silva
1 Membro



Prof. Ms. Luiz Fernando Santos de Lima
2 Membro

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a mim mesmo, por ter superado todas as adversidades impostas pela sociedade. Não é fácil viver em um contexto que, a todo momento, tenta nos convencer de que certos espaços não nos pertencem. Mesmo diante das dificuldades, permaneci firme em meus sonhos e lutei diariamente para ocupar o lugar que é meu por direito.

Em segundo lugar, expresso minha profunda gratidão à minha família, que sempre esteve ao meu lado, oferecendo apoio incondicional nos momentos em que pensei em desistir. Sem esse suporte, não teria conseguido permanecer na universidade e seguir em frente com meus objetivos.

Agradeço também aos meus colegas da universidade, em especial Maria Reis, Luana Lima e Amanda Cavalcante, que, com suas palavras de incentivo e confiança, me motivaram a acreditar ainda mais no meu potencial. Cada gesto de amizade e companheirismo fez toda a diferença nessa caminhada.

Não poderia deixar de mencionar Maria Tamyres, Maria Regina, João Mateus, Mateus Carneiro, Juan Carlos e Mateus Braz, que estiveram presentes nos momentos mais difíceis, compartilhando comigo as angústias, os medos e as crises de ansiedade. O apoio e a compreensão deles foram fundamentais para que eu conseguisse seguir em frente, mesmo nos dias mais desafiadores.

Por fim, quero fazer um agradecimento muito especial à Doutora Fernanda Lemos, minha orientadora, que foi mais do que uma guia acadêmica — foi uma verdadeira parceira de jornada. Sempre disponível para me ouvir, orientar e incentivar, Fernanda ultrapassou o papel de orientadora, tornando-se um pilar essencial na minha formação. A ela, minha eterna gratidão.

Este é mais do que um simples agradecimento — é o reconhecimento de todas as forças que, de alguma maneira, me impulsionaram até aqui. A todos que fizeram parte dessa história: meu sincero e profundo obrigado.

RESUMO

Este artigo examina a Eucaristia católica sob uma perspectiva antropofágica, analisando seu impacto na fé, na paz interior e no desenvolvimento moral dos fiéis. Utiliza-se uma abordagem qualiquantitativa descritiva, com a participação de 88 indivíduos, cujas respostas foram coletadas por meio de um questionário on-line. O referencial teórico inclui documentos eclesiais (Concílios Ecumênicos e o Catecismo da Igreja Católica), obras de Tomás de Aquino, estudos do antropólogo Alfred Métraux e do líder indígena Davi Kopenawa, permitindo uma análise comparativa entre a prática eucarística e o ritual antropofágico. Os resultados indicaram que os fiéis reconhecem na Eucaristia a presença real de Cristo, vivenciada concretamente pela maioria dos participantes como fonte de fortalecimento espiritual e suporte emocional. Conclui-se que a Eucaristia mantém um caráter antropofágico, promovendo transformação pessoal e comunitária. O estudo sugere novas pesquisas com amostras ampliadas, visando ao aprofundamento das dimensões culturais e subjetivas desse sacramento

Palavras-chave: Antropofagia; Eucaristia; Católicos; Transubstanciação.

ABSTRACT

This article examines the Catholic Eucharist through an anthropophagic lens, analyzing its impact on faith, inner peace, and the moral development of believers. A descriptive quali-quantitative approach was employed, involving 88 participants whose responses were collected via an online questionnaire. The theoretical framework draws on ecclesiastical documents (Ecumenical Councils and the Catechism of the Catholic Church), the works of Thomas Aquinas, and studies by anthropologist Alfred Métraux and Indigenous leader Davi Kopenawa, enabling a comparative analysis between Eucharistic practice and anthropophagic ritual. Findings indicate that the faithful recognize the real presence of Christ in the Eucharist, which is concretely experienced by the majority as a source of spiritual strengthening and emotional support. The study concludes that the Eucharist retains an anthropophagic dimension, promoting both personal and communal transformation. Further research with broader samples is recommended to deepen the understanding of the cultural and subjective dimensions of this sacrament.

Keywords: Anthropophagy; Catholics; Eucharist; Transubstantiation

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 – Percepção sobre o que ocorre na Eucaristia | 26 |
| Gráfico 2 – Importância da crença na transformação do pão e do vinho | 26 |
| Gráfico 3 – Significado pessoal atribuído à Eucaristia | 27 |
| Gráfico 4 – Sentimento da presença de Deus ao receber a Eucaristia | 27 |
| Gráfico 5 – Relação entre a Eucaristia e a vivência da fé | 28 |
| Gráfico 6 – Influência da Eucaristia na superação de desafios | 28 |
| Gráfico 7 – Relação entre a Eucaristia e a vivência da felicidade | 28 |
| Gráfico 8 – Relação entre a Eucaristia e o enfrentamento do pecado e fraqueza | 29 |
| Gráfico 9 – Motivação para mudança após a Eucaristia | 30 |
| Gráfico 10 – Relação entre a Eucaristia e os valores do perdão e do compaixão . | 30 |
| Gráfico 11 – Frequência da participação na Eucaristia | 31 |
| Gráfico 12 – Formas de preparação para receber a Eucaristia | 31 |
| Gráfico 13 – Importância da preparação espiritual para a Eucaristia | 32 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|------------------------------|
| CDC | Código do direito canônico |
| CIC | Catecismo da igreja católica |
| COVID-19 | Doença do coronavírus 19 |
| n. | número |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 PANORAMA DA EUCARISTIA | 14 |
| 3 ANTROPOFAGIA E TRANSUBSTANCIAÇÃO | 19 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 25 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 33 |
| REFERÊNCIAS | 35 |
| APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA | 38 |

1 INTRODUÇÃO

A prática religiosa sempre desempenhou um papel central na construção das identidades humanas, influenciando culturas, comportamentos e sistemas de crenças. No cristianismo, um dos rituais mais emblemáticos é a Eucaristia¹, compreendida como um momento de comunhão sagrada em que os fiéis compartilham do corpo e sangue de Cristo sob as espécies do pão e do vinho.

A Eucaristia, também conhecida como a Ceia do Senhor, é um dos sacramentos centrais da Igreja Católica, sendo “fonte e cume de toda vida cristã” (Catecismo da Igreja Católica, n. 1324). Instituída por Jesus na Última Ceia, Ele tomou o pão e o vinho e, ao compartilhá-los com seus discípulos, declarou: “Tomai e comei, isto é o meu corpo; tomai e bebei, isto é o meu sangue”, conforme registrado em Mateus 26,26-29 (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1751-1752); Marcos 14,22-25 (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1781); Lucas 22,19-20 (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1827-1828); e 1Coríntios 11,24-25 (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2007). Nesse gesto, Cristo não apenas realizava um rito, mas entregava-se inteiramente à humanidade, tornando-se um alimento (Catecismo da Igreja Católica, n. 2837) que nutre não só o corpo, mas também a alma. Assim, a Eucaristia não é uma simples recordação do passado, mas uma atualização constante da presença de Cristo — um presente vivo que impulsiona os fiéis à transformação interior.

No entanto, o entendimento do ritual ultrapassa o contexto exclusivamente religioso, possuindo também uma dimensão antropológica que remete à incorporação do sagrado. Historicamente, a Eucaristia foi interpretada de diferentes maneiras ao longo dos séculos. Nesse contexto, emerge o conceito de antropofagia, entendido como um sistema de transformação mútua no qual a incorporação do outro — seja por meio do consumo ritual de inimigos, seja pela apropriação de objetos, saberes estrangeiros e outras formas de alteridade² — não visa aniquilar a diferença, mas sim fazer circular suas potências (Viveiros de Castro, 2002). Diferente do canibalismo de caráter utilitário, a antropofagia possui uma dimensão cultural e espiritual. No Brasil, essa ideia foi amplamente debatida, especialmente em relação aos povos indígenas, como os Tupinambás, que realizavam rituais antropofágicos com propósitos de

¹ “Eucaristia significa, antes de mais, ‘ação de graças’” (Catecismo da Igreja Católica, n. 1360).

² A menção a “outras formas de alteridade” é uma extrapolação lógica com base no sistema descrito por Viveiros de Castro, mas não se refere a exemplos analisados diretamente pelo autor.

vingança, afirmação de identidade e absorção do inimigo. Segundo Lévi-Strauss (2006), essas práticas podem ser classificadas como alimentares, políticas, mágicas e ritualísticas. Neste trabalho, focaremos especificamente na dimensão mágica, o que possibilita estabelecer relações com a experiência cristã da Eucaristia.

Embora à primeira vista a antropofagia e a Eucaristia pertençam a universos distintos, ambas envolvem a incorporação de algo essencial — seja no plano cultural, seja no plano espiritual — como forma de transformação e fortalecimento do sujeito. No cristianismo, essa incorporação se dá de maneira transcendental, por meio da fé e da liturgia³, quando o fiel se une ao divino por meio da comunhão com Cristo.

Apesar de sua centralidade na prática católica, ainda existem lacunas quanto à forma como os fiéis interpretam e vivenciam essa experiência. Como o ritual afeta a paz interior, a felicidade e o fortalecimento moral dos participantes? Quais são as percepções dos fiéis sobre o valor espiritual da Eucaristia? A análise dessa vivência pode contribuir para uma melhor compreensão dos efeitos espirituais desse sacramento e de seu papel na formação da identidade religiosa contemporânea. Diante disso, este estudo busca aprofundar a relação entre a Eucaristia e o conceito de incorporação presente na antropofagia ritual, considerando tanto a perspectiva teológica quanto a antropológica.

A presente pesquisa tem como foco a análise da Eucaristia e sua relação com a antropofagia ritual, investigando os efeitos desse sacramento na vivência espiritual dos fiéis católicos. A questão central que orienta o estudo é: de que forma a Eucaristia, ao ser compreendida como um ato antropofágico, contribui para a paz interior, a felicidade e o fortalecimento moral dos fiéis? Parte-se da hipótese de que a Eucaristia proporciona uma experiência transformadora, contribuindo para o fortalecimento da fé e o desenvolvimento de valores éticos entre os praticantes.

Para responder a essa questão, será realizada uma pesquisa em duas etapas: uma revisão bibliográfica sobre a Eucaristia, a transubstanciação e a antropofagia ritual, com ênfase na prática dos Tupinambás; e uma abordagem quali-quantitativa, por meio da aplicação de questionários on-line distribuídos em grupos de WhatsApp compostos por fiéis católicos. O objetivo dessa metodologia é coletar dados que

³ No Catecismo da Igreja Católica, em seu número 1069, liturgia “significa originalmente ‘obra pública’, ‘serviço da parte do povo e em favor do povo’. Na tradição cristã, quer dizer que o povo de Deus toma parte na ‘obra de Deus’. Pela liturgia, Cristo, nosso Redentor e Sumo-Sacerdote, continua na sua Igreja, com ela e por ela, a obra da nossa redenção.”

possibilitem uma análise mais ampla das percepções e sentimentos dos participantes sobre a Eucaristia e sua influência na prática religiosa.

O artigo será estruturado em três tópicos principais. O primeiro apresentará um panorama histórico da Eucaristia, abordando sua evolução desde os primeiros séculos do cristianismo até o Concílio Vaticano II e a pandemia de COVID-19 (2020–2022), destacando as transformações na forma como os fiéis participam desse sacramento. Nesse percurso, será abordado o uso exclusivo da hóstia⁴ na comunhão, prática que se consolidou ao longo do tempo e cuja validade e plenitude são confirmadas pela teologia de Tomás de Aquino (2013), ao afirmar que Cristo está totalmente presente sob cada uma das espécies, de modo que, mesmo recebendo apenas o pão, os fiéis participam plenamente do sacramento, pois o sacerdote consome ambas em nome de toda a comunidade.

O segundo tópico explorará a relação entre antropofagia e transubstanciação, destacando suas implicações e diferentes interpretações. A antropofagia será abordada a partir da perspectiva dos Tupinambás, enquanto a transubstanciação será analisada a partir da perspectiva tomista na *Suma Teológica*. O objetivo dessa discussão é compreender como ambas as práticas envolvem a incorporação de elementos considerados essenciais para a transformação pessoal.

Por fim, o terceiro tópico apresentará os resultados da pesquisa quali-quantitativa, trazendo as percepções dos fiéis católicos sobre a Eucaristia e sua influência na vivência espiritual. Essa análise permitirá compreender como os praticantes do catolicismo vivenciam o sacramento em seu cotidiano, revelando suas implicações na construção da espiritualidade pessoal e na prática moral.

⁴ Hóstia vem do latim “hostīa” que significa “vítima”. É usada na Igreja Católica como o corpo de Cristo, feita de pão ázimo (sem fermento), em forma de disco.

2 PANORAMA DA EUCARISTIA

Nas comunidades cristãs primitivas, a Eucaristia era um momento de profunda união, tanto com Deus quanto entre os irmãos na fé, muitas vezes essas cerimônias era celebrada em casas particulares ou em encontros secretos nas catacumbas, permitindo que os cristãos renovassem o sacrifício de Cristo e fortalecessem sua comunhão com Deus e entre si. Segundo relatos do século II, como os de Justino, o Mártir, em sua *Apologia*, as celebrações incluíam a leitura das Escrituras, orações e, sobretudo, a consagração do pão e do vinho, entendidos como o corpo e o sangue de Cristo.

Sobre isso, ele afirma:

Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos. Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos nossas preces. Depois de terminadas, como já dissemos, oferece-se pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus suas preces e ações de graças e todo o povo exclama, dizendo: 'Amém' (Apologia 67, Justino, 1995, p. 40).

Mesmo em meio à clandestinidade e à perseguição, a Eucaristia permaneceu como o coração pulsante da fé cristã, sustentando a esperança e a unidade dos que a celebravam. Além disso, Justino evidencia que essas reuniões também incluíam o amparo aos necessitados, como órfãos, viúvas e forasteiros (Apologia 67, Justino, 1995).

Um outro documento fundamental que aborda a Eucaristia, a organização e os costumes nos primeiros séculos, é a *Didaqué*, também conhecida como *Doutrina dos Apóstolos*. Esse texto, datado no final do século I, destaca em um dos seus trechos que ninguém poderia participar da “Eucaristia se não estiver batizado em nome do Senhor. Pois a respeito dela disse o Senhor. Não deis as coisas santas aos cães!” (Didaqué, 2014, p. 15). Essa advertência revela a seriedade com que os primeiros cristãos encaravam o sacramento, entendendo-o não como um simples símbolo, mas como a verdadeira e real presença de Cristo no meio da comunidade.

Com o passar dos séculos, especialmente após a conversão do Império Romano ao cristianismo (século IV), a Eucaristia foi ganhando uma estrutura mais formal, compostos por gestos e palavras sagradas, permitindo aos fiéis participar ativamente do mistério eucarístico e receber a graça divina de maneira concreta.

Contudo, a consagração das espécies não poderia ocorrer de forma arbitrária, pois exige a autoridade episcopal, como enfatizou Inácio de Antioquia em sua carta aos Esmirniotas:

Segui todos ao bispo, como Jesus Cristo segue ao Pai, e ao presbitério como aos apóstolos; respeitai os diáconos como à lei de Deus. Sem o bispo, ninguém faça nada do que diz respeito à Igreja. Considerai legítima a Eucaristia realizada pelo bispo ou por alguém que foi encarregado por ele. Onde aparece o bispo, aí esteja a multidão, do mesmo modo que onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja católica. Sem o bispo, não é permitido batizar nem realizar o ágape. Tudo o que ele aprova é também agradável a Deus, para que seja legítimo e válido tudo o que se faz (Inácio de Antioquia, 1995, p. 118).

Essa ênfase na figura do bispo como mediador da tradição apostólica e garantia da autenticidade dos sacramentos reflete a preocupação de Inácio em preservar a unidade da Igreja e a integridade de sua doutrina. No entanto, embora essa estrutura hierárquica buscasse consolidar a comunhão entre os fiéis, diferentes regiões do Império Romano mantinham práticas e interpretações teológicas próprias, o que gerava tensões e debates. Um exemplo marcante dessas divergências era o tipo de pão utilizado na Eucaristia: enquanto a Igreja Latina (Occidental) adotava o pão ázimo, a Igreja Ortodoxa (Oriental) mantinha o uso do pão fermentado (Souza; Dias, 2021). Essas diferenças, somadas a outras questões políticas e culturais, acabaram por levar ao Grande Cisma de 1054, que dividiu o cristianismo entre a Igreja Católica Romana (Occidente) e a Igreja Católica Ortodoxa (Oriente) (Feldman, 2015).

Após o Cisma, a Igreja Latina expandiu sua influência sobre os reinos "bárbaros" da Europa, promovendo a conversão de povos pagãos e cristãos arianos à ortodoxia romana (Santos; Álvaro, 2012). De acordo com Thomas E. Woods Jr., em sua obra *Como a Igreja Católica Construiu a Civilização Occidental*, essa expansão religiosa intensificou-se durante a Idade Média e foi marcada pela construção de mosteiros. Esses locais tornaram-se centros vitais para o ensino e a preservação do conhecimento, além de receberem jovens enviados por suas famílias para serem educados, conforme destacado por São João Crisóstomo (Woods Jr., 2008).

Foi nesse contexto que se desenvolveu a doutrina da transubstanciação, que afirma que, durante a consagração, o pão e o vinho se transformam verdadeiramente no corpo e no sangue de Cristo, mantendo apenas sua aparência original. Essa ideia é reafirmada pelo Papa Clemente IV e pelo documento *Mysterium Fidei*, n. 48. Embora essa crença já estivesse presente na tradição cristã desde os primeiros séculos, sua

formulação oficial ocorreu posteriormente, no Concílio de Trento, como resposta às críticas da Reforma Protestante, que questionava a presença real de Cristo na Eucaristia.

Gradativamente, ao longo desse período medieval, a confissão passou a ser reservada ao âmbito privado, tornando-se mais comum entre os fiéis, pois, desde o início do cristianismo, era um ato coletivo, realizado em público. Para consolidar essa mudança, o IV Concílio de Latrão (1215), em seu capítulo 21, determinou que todo cristão ao atingir o uso da razão, deve confessar os seus pecados pelo menos uma vez por ano para poder comungar, especialmente na Páscoa. Desse modo, a confissão individual foi legitimada como parte essencial da vida sacramental da Igreja, permanecendo em vigor até os dias de hoje. Nesse contexto, a Missa era celebrada em latim, com um caráter solene e hierático, onde o sacerdote ocupava o centro da celebração, enquanto os fiéis participavam de maneira mais passiva.

Essa dinâmica, de acordo com Caseau (2007) contribuía para que a Eucaristia fosse vista como um mistério inacessível, algo a ser adorado à distância, uma percepção que era reforçada tanto pelos próprios fiéis, que se consideravam indignos de recebê-la por se julgarem impuros e pecadores, quanto pelo clero, que, de certa forma, encorajava essa ideia de distanciamento. Entretanto, no século XX, houve uma transformação significativa na prática e na compreensão da Eucaristia, impulsionada pelo Concílio Vaticano II, que introduziu uma renovação pastoral de amplo alcance.

O Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII em 1962 e concluído pelo Papa Paulo VI em 1965, representou um marco histórico para a Igreja Católica no contexto moderno. Seu objetivo central foi promover uma atualização (*aggiornamento*) da Igreja, tornando-a mais aberta ao diálogo com o mundo contemporâneo e mais adaptada às necessidades espirituais dos fiéis. Dentre as diversas reformas propostas, a renovação litúrgica ocupou um lugar de destaque, visando uma maior participação ativa e consciente dos fiéis na vida sacramental da Igreja.

Por meio da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, o Concílio Vaticano II promoveu mudanças profundas na celebração da Eucaristia. Entre elas, destacou-se a permissão para que a celebração fosse realizada nas línguas vernáculas, mantendo o latim apenas nas Missas Tridentinas para aqueles que preferem a forma tradicional (*Sacrosanctum Concilium*, n. 36, §1-§2). Além disso, o documento, no n. 48, enfatiza que os fiéis não deveriam participar da Eucaristia como "estranhos ou espectadores

mudos", mas com plena consciência de seus atos. Enquanto n. 55, destacou que os fiéis "depois da comunhão do sacerdote, recebam do mesmo Sacrifício o Corpo do Senhor", deixando claro que todos, clero e leigos, são igualmente participantes do mistério eucarístico. Essa mudança reforçou a ideia de que a Eucaristia não é apenas um ato individual de devoção, mas uma celebração comunitária, incentivando uma participação mais ativa e consciente dos fiéis. Outras mudanças significativas incluíram a simplificação dos ritos litúrgicos, a maior ênfase na Palavra de Deus por meio da ampliação das leituras bíblicas durante a missa e a valorização do papel dos leigos na liturgia, promovendo uma maior integração entre a assembleia e os ministros.

Além das profundas transformações instauradas pelo Concílio Vaticano II, foram desenvolvidos no mesmo século dois instrumentos normativos essenciais para a organização e a orientação da vida eclesial: o Código de Direito Canônico (CDC) e o Catecismo da Igreja Católica (CIC). Ambos os documentos, concebidos sob o pontificado do Papa João Paulo II (1978-2005), representam marcos fundamentais na estruturação da disciplina e da doutrina católicas no contexto pós-conciliar, abordando uma ampla gama de temas, sintetizando e transcendendo as questões específicas mencionadas anteriormente sobre a Eucaristia.

Apesar de toda essa riqueza teológica e doutrinal, foi em 2020, durante a pandemia de COVID-19, que a centralidade da Eucaristia na vida dos fiéis foi posta à prova de maneira inédita. Com as igrejas fechadas e as missas presenciais suspensas, os católicos enfrentaram um desafio sem precedentes: como viver a fé eucarística em um contexto de distanciamento físico? O isolamento social não apenas impediu o acesso ao sacramento, mas também levou a uma profunda reflexão sobre o significado da Eucaristia como alimento espiritual e fonte de unidade comunitária. Diante desse cenário, no mês de abril de 2020 surgiram em todo mundo movimentos como o "Devolvam-nos a Missa" ou "Devolvam-nos a Eucaristia", que reivindicavam o retorno das celebrações eucarísticas presenciais.

Segundo Silva e Silveira (2020), em um vídeo compartilhado pela página 'Católico Oficial', um grupo de jovens que participava desse movimento questionava os bispos do Brasil sobre a prioridade dada às lojas durante a pandemia, em detrimento da igreja, que também era considerada essencial em suas vidas. A partir dessa informação, é possível destacar que, para esses jovens, a Eucaristia era vista como algo indispensável em meio às incertezas do mundo. Essa perspectiva se alinha

às palavras do Papa Francisco, que, em uma de suas orações do Angelus, afirmou que a Eucaristia "sacia a fome de esperança, a fome de verdade, a fome de salvação que todos nós sentimos, não no estômago, mas no coração" (Jaguraba, Vatican News, 2024).

Diante das restrições impostas pela pandemia, como observa Farias (2020), muitas paróquias buscaram soluções criativas para que os fiéis pudessem manter sua conexão com a Eucaristia. Entre as iniciativas adotadas, destacaram-se as transmissões online das missas, que permitiram a participação virtual dos católicos, e a distribuição da comunhão após as celebrações, realizada pelos padres, que afirmavam tomar todos os cuidados higiênicos necessários e evitar aglomerações, garantindo a segurança dos fiéis. Outra prática inovadora foi o "*Drive-Thru Eucarístico*", em que os fiéis recebiam a hóstia consagrada sem precisar sair de seus carros. Farias (2020), no entanto, critica a forma como essas adaptações parecem refletir uma certa submissão da Igreja à lógica capitalista. Ainda assim, é importante reconhecer que, embora essas práticas não substituíssem plenamente a experiência da celebração comunitária, elas evidenciaram a capacidade da Igreja de se reinventar em momentos desafiadores, sem perder de vista o essencial: a presença de Cristo no sacramento.

3 ANTROPOFAGIA E TRANSUBSTANCIAÇÃO

Quando os europeus zarparam em direção ao desconhecido, não levavam apenas bússolas e mapas, mas também um imaginário e narrativas maravilhosas sobre lugares distantes, como a ilha feminina habitada só por mulheres, ou a morada do Velho da Montanha, com seus jardins paradisíacos, palácios adornados e donzelas graciosas (Lanciani, 1991). Esse imaginário medieval influenciou diretamente as descrições dos viajantes que chegaram ao “Novo Mundo”, como os franceses André Thevet e Jean de Léry. Sobre a obra de Thevet, *As singularidades da França Antártica* (1557), Palazzo salienta:

O texto dá grande destaque ao maravilhoso, descrevendo a possibilidade de o bicho preguiça viver apenas de ar. Seres como os dragões ou mesmo haüt, que segundo a descrição irreal de Thevet viveria de vento, não se constituíam em algo totalmente absurdo para uma Europa que tinha na memória os estranhos animais que povoaram um vasto corpus de inúmeros bestiários (Palazzo, 2007, p. 111).

Não surpreende, então, que esses primeiros exploradores ao chegarem ao novo continente tenham enxergado, mais do que terras férteis e corpos nus, a confirmação de seus próprios medos e fantasias. E entre todas essas imagens fantásticas, uma das mais persistentes era a do devorador de carne humana.

A ideia de que existiam povos que praticavam a antropofagia não nasceu no século XVI. Os gregos já falavam de Cronos, o titã que devorava seus filhos para impedir que a profecia de sua queda se realizasse. Na Idade Média, acreditava-se em homens com rostos de cães, os cinocéfalos, que habitariam regiões longínquas, presente nas histórias de Plínio, Agostinho e Isidoro de Sevilha (Chicangana-Bayona, 2010). A antropofagia, portanto, já existia na imaginação europeia como um traço distintivo dos “bárbaros”, dos que estavam fora da “luz da civilização”. Assim, quando Cristóvão Colombo ouviu os aruaques mencionarem os “caraiba”, um povo considerado feroz, interpretou a palavra como “caniba” (Fernández-Armesto, 2004). Imediatamente, associou-os aos monstros das histórias que a Europa já conhecia por tradição. Sem hesitar, batizou-os de “canibais” — um equívoco que não apenas distorceu sua verdadeira identidade, mas também serviu de justificativa para massacres, escravização e a usurpação de suas terras, consolidando uma violência colonial (Fernández-Armesto, 2004).

Colombo, como muitos europeus de sua época, provavelmente não compreendia a complexidade da antropofagia entre os povos nativos. Para ele e seus contemporâneos — cronistas e missionários como Hans Staden, Jean de Léry, André Thevet, Manoel da Nóbrega e José de Anchieta —, essa prática era vista como um ato de crueldade ou até mesmo de gula. No entanto, entre os Tupinambás, essa prática estava profundamente ligada à guerra e à identidade coletiva, como demonstra a explicação registrada por Métraux: "[...] era a vingança do sangue o único e exclusivo móvel de suas expedições bélicas, consideradas incompletas se o inimigo não era afinal devorado" (Métraux, 1970, p. 137).

Essa lógica é reafirmada na contemporaneidade por Davi Kopenawa, líder e porta-voz Yanomami, que no livro *A Queda do Céu* compartilha reflexões semelhantes sobre o sentido da guerra para os povos indígenas. Em seu relato, ele afirma: “Nós, habitantes da floresta, guerreamos apenas para nos vingar, por raiva do luto que sentimos quando alguém mata um dos nossos” (Kopenawa; Albert, 2015, p. 442). Com essa afirmação, Kopenawa evidencia que, assim como entre os Tupinambás descritos por Métraux, a guerra entre os povos indígenas não é motivada pelo desejo de conquista territorial ou acúmulo de riquezas — como ocorre com ‘os brancos’, segundo Kopenawa —, mas por valores afetivos e comunitários ligados ao luto, à dor e ao respeito pelos mortos. (Kopenawa; Albert, 2015)

Esta prática, que tanto horrorizou os cronistas europeus, seguia uma lógica cultural complexa: o inimigo capturado não era imediatamente morto, mas passava por um longo processo de assimilação, que poderia durar meses ou anos na comunidade inimiga antes do sacrifício final. Segundo Hans Staden (2013), prisioneiros como ele eram adornados, pintados e cuidadosamente higienizados — incluindo a raspagem dos pelos e até o casamento temporário com uma mulher do grupo —, num paradoxo que mesclava hostilização e integração.

A origem desse costume, segundo a tradição tupinambá registrada por Pigafetta, remontava a um evento fundador:

Certa velha tinha um filho único, morto pelos inimigos; tempos depois, em prosseguimento da guerra, o assassino foi feito prisioneiro e conduzido à presença da velha. Esta, por vingança, atirou-se ao mesmo, mordendo-lhe as espáduas qual se fora um cão enfurecido... Desde então, os índios se puseram a comer, uns aos outros, os indígenas caídos prisioneiros (Pigafetta, 1800 *apud* Métraux, 1979 p. 138).

Este mito revela como a antropofagia estava enraizada numa lógica de reciprocidade violenta, onde a vingança pelo sangue derramado se realizava através da incorporação ritual do inimigo. Mais que um ato de crueldade, tratava-se de um mecanismo de justiça e reequilíbrio social, onde a devoração do adversário representava ao mesmo tempo a reparação de uma perda e a afirmação da identidade grupal.

Muitos estudiosos, como Métraux, sugerem que esse costume poderia estar relacionado à crença de que, ao ingerir a carne do inimigo, aumentaria "a força vital daquele que participa, ou, pelo menos, um processo capaz de permitir a aquisição de determinadas qualidades" (Métraux, 1979, p. 137). Essa ideia de absorção do outro não parecia estranha, tendo em vista que eram justamente os doentes e enfraquecidos que demonstravam maior avidez pela carne humana, na esperança de recuperar suas energias (Métraux, 1979).

A análise de Métraux alcança plena coerência ao examinarmos a distribuição ritual das partes do corpo do morto. O autor especifica em um dos seus trechos que: "Língua, miolos e certas partes do corpo estavam reservados aos jovens; para os adultos ficava a pele do crânio e para as mulheres os órgãos sexuais" (Métraux, 1979, p. 135). Essa repartição corporal pode ser interpretada por nós como um processo de transformação, no qual a ingestão da língua e dos miolos conferia eloquência e sabedoria aos jovens; a pele do crânio poderia representar a transmissão de experiência e autoridade aos adultos; e os órgãos sexuais estariam vinculados à fertilidade e ao poder gerativo para as mulheres. No entanto, não há garantias de que os Tupinambás interpretavam suas práticas dessa forma, nem que a assimilação do "outro" tivesse essa finalidade específica. A explicação em questão pode ser, em parte, uma tentativa de enquadrar os costumes indígenas dentro de categorias e concepções de mundo alheias a eles. Trata-se, portanto, de uma hipótese analítica externa, que reflete mais as perspectivas do intérprete do que as lógicas internas da sociedade Tupinambá.

Nesse contexto, a própria noção de "canibalismo" emerge como uma construção etnocêntrica, elaborada e aplicada de maneira generalizada às práticas antropofágicas indígenas, sem validade universal, pois só faz sentido em sociedades que a condenam e a classificam como desvio (Lévi-Strauss, 2006). Essa categorização não apenas reduz um ritual complexo a uma visão simplista e estigmatizante, como também obscurece a profundidade da cosmovisão Tupinambá

— na qual tais práticas estavam imbricadas em significados culturais, espirituais e sociais.

Como ressalta Eliane Knorr de Carvalho (2008), é crucial distinguir entre antropofagia e canibalismo: enquanto a primeira refere-se a um ato coletivo, relacionados a rituais sociais, o segundo diz respeito ao consumo de carne humana por necessidade fisiológica, impulso individual ou em situações de crueldade. No caso dos Tupinambás, a antropofagia integrava-se a uma teia de significados que transcendia a mera subsistência, articulando-se a noções de continuidade, reciprocidade e transformação. Assim, o uso do termo "canibalismo" não apenas desfigura essa prática, como também perpetua visões coloniais que reduzem o outro ao exótico ou ao bárbaro.

Paradoxalmente, embora a tradição cristã tenha condenado veementemente os rituais antropofágicos indígenas, ela mesma sustenta, em seu cerne, um ritual de incorporação do sagrado: a Eucaristia. Diversos estudiosos, dentro e fora da Igreja, se debruçaram sobre essa temática ao longo dos séculos, sendo Tomás de Aquino, em sua obra *Suma Teológica*, um dos autores mais importantes a tratar do assunto.

No Código de Direito Canônico, em seu cânon 899, § 1º, encontra-se estabelecido que:

A celebração eucarística é uma ação do próprio Cristo e da Igreja, na qual Cristo nosso Senhor, substancialmente presente sob as espécies do pão e do vinho, pelo ministério do sacerdote, se oferece a Deus Pai e se dá como alimento espiritual aos fiéis associados na sua oblação (Código do Direito Canônico, 1983, p. 163).

Ou seja, a Igreja professa que Cristo se entrega como alimento à comunidade eclesial por meio da substância. Essa noção de substância remonta a Aristóteles, que, na *Metafísica*, define substância como: (1) o substrato último, que não é predicado de outra coisa (como os corpos simples), e (2) aquilo que possui existência individual e independente, sendo essencial à definição e identidade de um ser.

Tomás de Aquino apropria-se desse conceito aristotélico e o amplia à luz da teologia cristã, incluindo, além da matéria e da forma, o próprio *actus essendi*, ou ato de ser. Desse modo, a mudança operada na Eucaristia, segundo Aquino (2013), não é meramente simbólica ou sinal, como defendida por Berengário de Tours, mas real, no nível substancial, ainda que invisível aos sentidos. A Igreja, fundamentada nesse pensamento, denomina essa transformação como transubstanciação, em que a

substância do pão e do vinho se converte na substância do Corpo e Sangue de Cristo, permanecendo apenas os acidentes (aparência sensível) das espécies.

Segundo Aquino (2013), essa conversão eucarística é um ato totalmente sobrenatural, realizado unicamente pelo poder de Deus, e não pelas leis da natureza ou pela percepção humana. Isso explica por que os sentidos não detectam mudança nas espécies do pão e do vinho, mas a fé confirma a realidade invisível da presença de Cristo, pois "[...] a fé trata de realidades invisíveis, como Cristo nos manifesta invisivelmente a sua divindade, assim também neste sacramento nos manifesta a sua carne de modo invisível" (Aquino, 2013, p. 270).

Para Duque (2008), essa invisibilidade não significa que a Eucaristia dependa da crença subjetiva das pessoas. O autor argumenta que, se assim fosse, ela seria apenas um reflexo das convicções de um grupo, algo moldado pela fé humana. Sua análise destaca que a doutrina católica afirma a presença verdadeira e substancial de Cristo — não como resultado da imaginação dos fiéis, mas como realidade objetiva instituída pelo próprio Cristo. Nesse sentido, Duque (2008) enfatiza que a Eucaristia é um dom divino, não uma construção humana.

Assim, Aquino (2013) refuta as heresias que negavam essa conversão, afirmando que, se a substância do pão não se transformasse verdadeiramente no Corpo de Cristo, o próprio Senhor não teria dito: "Isto é o meu corpo". Além disso, argumenta que a presença real de Cristo no sacramento não se dá por mudança de lugar, pois isso implicaria sua ausência do céu, o que seria contraditório, considerando a onipresença divina. Ele demonstra que algo não pode passar a existir em um lugar onde antes não estava, a não ser por mudança de lugar ou transformação de substância. Como Cristo, em sua natureza glorificada, não se move localmente de forma limitada, sua presença simultânea em diversos altares do mundo só é possível pela conversão da substância do pão e do vinho no seu Corpo e Sangue.

A negação dessa conversão substancial comprometeria, segundo Tomás de Aquino (2013), a própria verdade do sacramento e sua eficácia salvífica, uma vez que o reduziria a um mero símbolo, esvaziando-lhe o sentido teológico, razão pela qual denominá-lo consubstanciação, como afirmam os protestantes, configurava-se, para Aquino (2013), um equívoco. Este argumento foi posteriormente ratificado pelo Concílio de Trento (1545-1563), que reafirmou a doutrina da transubstanciação nos moldes propostos por Aquino:

[...] pela consagração do pão e do vinho opera-se a conversão de toda a substância do pão no Corpo de Cristo e de toda a substância do vinho no Sangue de Cristo, conversão que a Igreja Católica chama apropriadamente de transubstanciação (Júlio III, 2007 p. 422).

Ao reinterpretar o conceito aristotélico de substância, Tomás de Aquino propôs uma explicação ontológica que integra fé e razão, sustentando a doutrina cristã da Eucaristia. Para ele, no ato da transubstanciação, as substâncias do pão e do vinho se transformam, de fato, no corpo e sangue de Cristo, enquanto suas aparências permanecem. Essa concepção, fundamentada filosoficamente e ratificada pela Igreja, tornou-se essencial para a compreensão do mistério eucarístico na tradição cristã.

Nesse contexto, chama atenção a ironia histórica: enquanto a Europa condenava a antropofagia indígena, especialmente entre os Tupinambá, como expressão de barbárie, ela própria sustentava, em seu rito central, a ideia de comunhão com o sagrado pela ingestão do corpo divino. Essa contradição revela o duplo padrão do olhar colonial, que deslegitimou os rituais indígenas ao descontextualizá-los, enquanto naturalizou as complexidades e tensões de seus próprios sacramentos religiosos. A diferença crucial reside no fato de que a Eucaristia cristã sempre foi protegida por um discurso teológico hegemônico, ao passo que a antropofagia indígena foi reduzida a um estereótipo de selvageria.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos capítulos anteriores, foram apresentadas as transformações ocorridas na compreensão e prática da Eucaristia ao longo dos séculos, desde os escritos de Justino de Roma, nos primeiros séculos do cristianismo, até o contexto da pandemia de COVID-19, em 2020. Em seguida, estabeleceu-se uma relação entre a antropofagia e a transubstanciação, destacando-se a prática dos católicos ao consumir o corpo de Cristo, e a prática ritualística dos povos indígenas brasileiros, especialmente os Tupinambás.

No presente tópico, busca verificar se os fiéis compreendem a força e espiritual da alimentação de Cristo presente na hóstia. Para isso, foi realizada uma pesquisa com abordagem quali-quantitativa descritiva, mediante aplicação de um questionário on-line elaborado no Google Forms.

O instrumento foi distribuído em grupos de WhatsApp voltados ao catolicismo, alcançando 88 participantes, selecionados por amostragem não probabilística por conveniência, considerando-se aqueles mais ativos nas comunidades virtuais religiosas.

Dos participantes, 56,8% eram mulheres e 43,2% homens, evidenciando maior participação feminina na vivência religiosa. As idades variaram entre 13 e 64 anos, com predominância das regiões Sudeste (44,3%) e Nordeste (35,2%), seguidas pelas regiões Centro-Oeste (6,8%), Norte (6,8%) e Sul (6,8%).

As perguntas, de caráter fechado, investigaram a vivência e percepção dos fiéis sobre o Sacramento da Eucaristia. Os resultados mostraram que 94,3% dos respondentes concordam com a tradição da Igreja de que o pão e o vinho se transformam, de fato, no corpo e sangue de Cristo (Gráfico 1), sendo para 92% o elemento central da fé cristã (Gráfico 2).

Gráfico 1 – Percepção sobre o que ocorre na Eucaristia.

1. Para você, o que acontece com o pão e o vinho durante a Eucaristia

88 respostas



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 2 – Importância da crença na transformação do pão e do vinho.

2. Qual a importância, para sua fé, da crença de que o pão e o vinho se tornam o corpo e sangue de Cristo durante a Eucaristia?

88 respostas



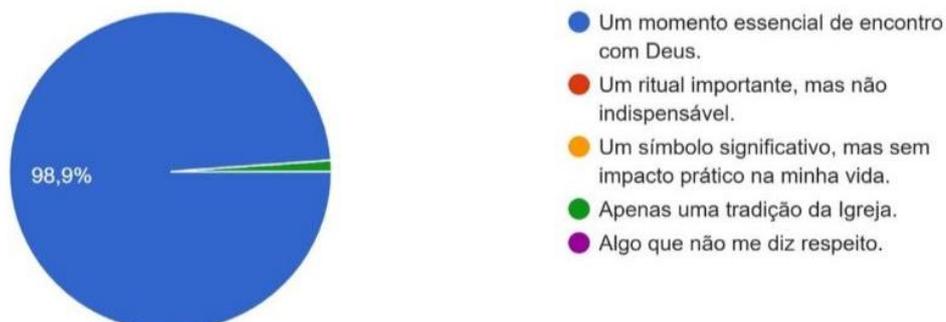
Fonte: Elaboração própria.

Além disso, o Gráfico 3 mostra que 98,9% dos respondentes reconhecem a Eucaristia como um momento de encontro com Deus, ao passo que apenas 1,1% a enxergam como uma mera tradição eclesial. Esse dado revela uma forte adesão à doutrina oficial da Igreja Católica, refletindo não apenas um entendimento teológico por parte dos fiéis, mas também o impacto afetivo e espiritual da celebração. A quase unanimidade em torno dessa compreensão reafirma a centralidade da Eucaristia na vivência religiosa católica, sendo vista não apenas como um rito, mas como uma verdadeira experiência de comunhão com o sagrado.

Gráfico 3 – Significado pessoal atribuído à Eucaristia.

3. Para você, a Eucaristia é:

88 respostas



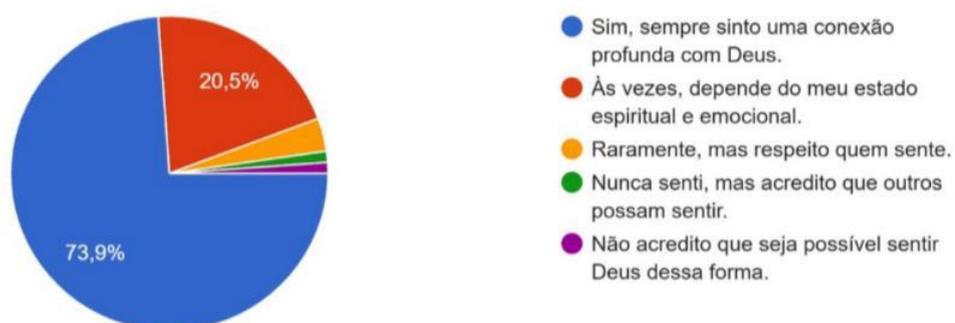
Fonte: Elaboração própria.

Quando questionados sobre a experiência pessoal ao receber a Eucaristia, os participantes revelaram percepções marcadas pela espiritualidade e subjetividade. Conforme apresentado no Gráfico 4, 73,9% relataram sentir a presença de Deus nesse momento, enquanto 20,5% afirmaram que essa vivência depende de seu estado emocional no momento da comunhão. Esses dados evidenciam como o rito eucarístico é experienciado de maneiras distintas, influenciado tanto pela fé quanto pelas condições emocionais individuais.

Gráfico 4 – Sentimento da presença de Deus ao receber a Eucaristia.

4. Ao receber a Eucaristia, você sente a presença de Deus?

88 respostas



Fonte: Elaboração própria.

Em relação à influência da Eucaristia sobre a fé e a vida cotidiana, 90,9% dos participantes disseram que fortalece a fé (Gráfico 5); 89,8% relataram que a prática auxilia no enfrentamento de desafios (Gráfico 6); e 89,8% a consideraram essencial para sua paz interior e felicidade (Gráfico 7). Esses resultados corroboram a ideia,

destacada pelo Papa Francisco, de que a Eucaristia sacia a fome espiritual e renova as forças dos fiéis.

Gráfico 5 – Relação entre a Eucaristia e a vivência da fé.

5. Qual a relação entre a Eucaristia e sua Fé?

88 respostas



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 6 – Influência da Eucaristia na superação de desafios.

6. Qual a relação entre a Eucaristia e sua capacidade de enfrentar desafios?

88 respostas



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 7 – Relação entre a Eucaristia e a vivência da felicidade

7. Qual a relação entre Eucaristia e sua felicidade?

88 respostas



Fonte: Elaboração própria.

A relação entre a Eucaristia e o enfrentamento das fragilidades humanas também foi abordada na pesquisa. De acordo com os dados apresentados no gráfico abaixo (Gráfico 8), 80,7% dos participantes afirmaram que a Eucaristia contribui significativamente para a superação de pecados e tentações, o que evidencia a percepção do sacramento como fonte de fortalecimento espiritual diante das adversidades morais e existenciais. Tal compreensão está em consonância com a tradição teológica católica, que associa a comunhão eucarística à purificação interior e ao crescimento na santidade. Por outro lado, uma parcela expressiva dos respondentes — 15,9% — destacou que a superação dessas dificuldades também depende do esforço pessoal, revelando uma visão equilibrada entre a ação da graça divina e a responsabilidade individual. Essa perspectiva demonstra uma maturidade teológica por parte dos fiéis, que reconhecem o papel transformador da Eucaristia sem desconsiderar a necessidade de engajamento humano no processo de conversão e amadurecimento espiritual.

Gráfico 8 – Relação entre a Eucaristia e o enfrentamento do pecado e fraqueza.
8. Qual a relação entre Eucaristia e sua capacidade de lidar com pecados e fraquezas?

88 respostas



Fonte: Elaboração própria.

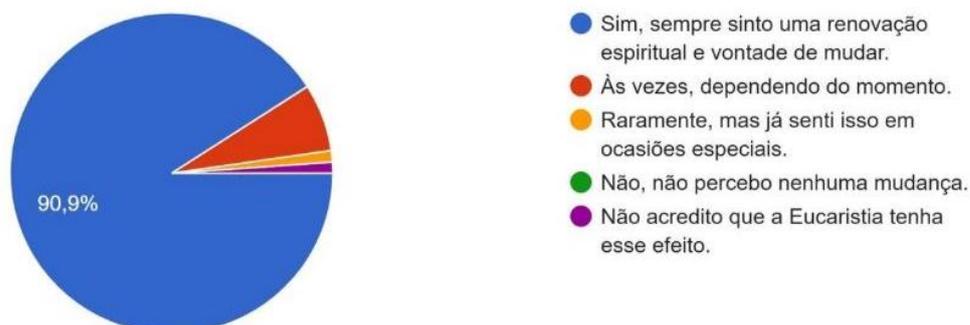
Outro aspecto relevante observado na pesquisa refere-se ao impacto da Eucaristia na motivação espiritual dos participantes. Conforme demonstrado no Gráfico 9, 90,9% dos respondentes afirmaram sentir-se espiritualmente renovados ao participar do Sacramento, o que evidencia a centralidade dessa prática na vivência religiosa católica. No que se refere à dimensão ética da prática eucarística, o Gráfico 10 revela que 92% dos participantes indicaram que a participação na Eucaristia os inspira a atitudes mais perdoadoras e compassivas. Este dado aponta para uma assimilação efetiva dos valores evangélicos bíblicos associados ao sacramento,

sugerindo que a comunhão não se restringe ao campo ritual, mas desdobra-se em ações concretas no cotidiano dos fiéis. Assim, a Eucaristia aparece como um agente de transformação moral e afetiva, impulsionando práticas alinhadas aos princípios cristãos de misericórdia, perdão e amor ao próximo.

Gráfico 9 – Motivação para mudança de vida após a Eucaristia.

9. Após receber a Eucaristia, você se sente mais motivado(a) a mudar de vida?

88 respostas



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 10 – Relação entre a Eucaristia e os valores do perdão e da compaixão.

10. Qual a relação entre a Eucaristia e valores como perdão e compaixão em sua vida?

88 respostas



Fonte: Elaboração própria.

Em relação à frequência de participação, 51,1% afirmaram comungar uma vez por semana, 31,8% participam várias vezes por semana e apenas 10,2% não participam da Eucaristia (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Frequência de participação na Eucaristia.

11. Com que frequência você participa da Eucaristia?

88 respostas



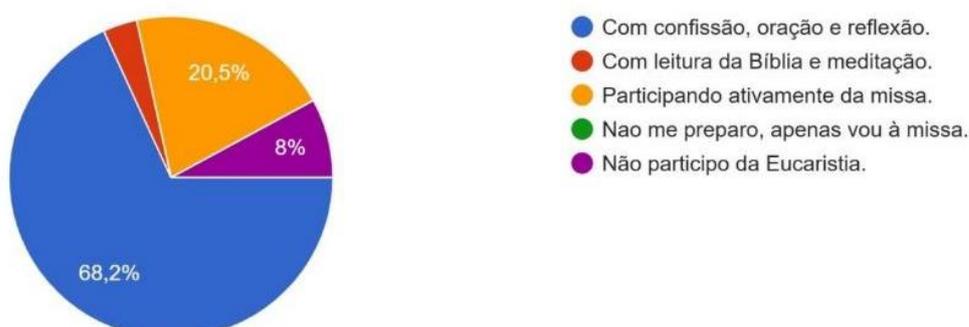
Fonte: Elaboração própria.

Apesar da grande maioria dos fiéis demonstrar firme crença no poder transformador da Eucaristia, observa-se no gráfico acima que a frequência semanal às celebrações é limitada. Essa realidade pode ser atribuída tanto às exigências das rotinas profissionais e compromissos cotidianos quanto ao fato de muitos se identificarem como católicos não praticantes. Alguns desses, inclusive, talvez se ausentem por não se sentirem espiritualmente preparados, uma vez que, para eles, a participação na Eucaristia é vista como um momento sagrado que exige uma preparação interior adequada — o que pode, inclusive, ajudar a explicar os dados apresentados no gráfico a seguir.

Gráfico 12 – Formas de preparação para receber a Eucaristia

12. Como você se prepara para receber a Eucaristia?

88 respostas



Fonte: Elaboração própria.

De fato, 68,2% dos respondentes afirmaram preparar-se com oração, confissão e reflexão pessoal, conforme orientado pelo Catecismo da Igreja Católica. Já 20,5% disseram considerar a participação ativa na missa como parte essencial dessa

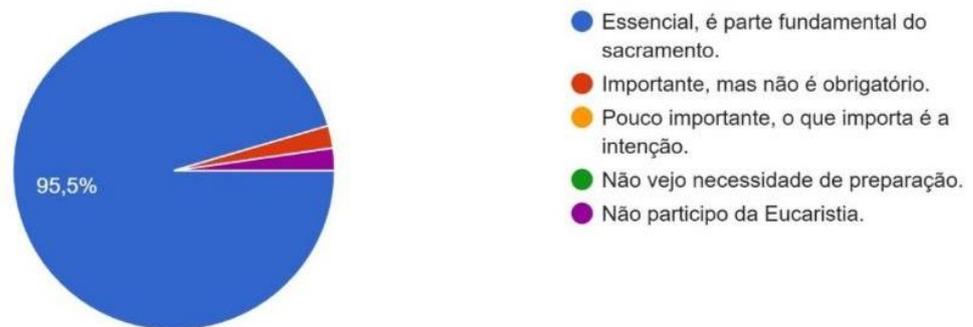
preparação. Esses dados revelam que a maioria prefere práticas devocionais individuais, enquanto uma parcela menor valoriza a vivência litúrgica como preparação, em sintonia com o convite do Concílio Vaticano II para uma participação plena, consciente e ativa na celebração.

Por fim, ao serem indagados sobre a importância da preparação espiritual para a comunhão, 95,5% consideraram essa prática essencial, enquanto o restante apontou ser importante, mas não obrigatória. Esse dado demonstra que, embora haja consciência sobre a importância da preparação espiritual, parte dos fiéis ainda relativiza essa exigência.

Gráfico 13 – Importância da preparação espiritual para a Eucaristia

13. Na sua opinião, qual a importância de se preparar espiritualmente para a Eucaristia?

88 respostas



Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, os resultados evidenciam a permanência da fé na presença real de Cristo na Eucaristia e seu papel central na vida religiosa dos católicos, ao mesmo tempo em que apontam desafios quanto à participação ativa e à vivência plena do Sacramento conforme as orientações conciliares e catequéticas da Igreja.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender como a Eucaristia, interpretada à luz da antropofagia ritual, contribui para o fortalecimento da fé, da paz interior, da felicidade e do desenvolvimento moral dos fiéis católicos. Os dados confirmaram a centralidade deste Sacramento na vida religiosa dos participantes, evidenciando que sua importância vai além do aspecto ritual, configurando-se como experiência essencial para a sustentação da prática cristã.

Os resultados indicaram que, em consonância com a doutrina católica, os fiéis reconhecem a Eucaristia como manifestação real da presença de Cristo por meio da transubstanciação. A maioria dos participantes relatou sentir concretamente essa presença, o que reforça seu papel como fonte de fortalecimento espiritual e suporte emocional diante das adversidades.

No âmbito subjetivo, a pesquisa revelou que a vivência eucarística provoca profundos impactos emocionais e morais. Os participantes relataram sensações de paz, alegria espiritual e fortalecimento ético, destacando o potencial do rito para ressignificar dimensões corporais e espirituais. O diálogo com a antropofagia ritual indígena, a partir das reflexões de Métraux, permitiu identificar paralelos importantes, sobretudo no que se refere aos processos de incorporação e transformação.

Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa contribui em duas frentes. No campo teológico, amplia a compreensão da Eucaristia para além de seu caráter dogmático, reconhecendo-a como prática social e cultural com efeitos concretos na formação moral e subjetiva dos fiéis. Na perspectiva antropológica, promove um diálogo intercultural que questiona visões etnocêntricas e valoriza a complexidade das tradições indígenas.

Apesar dos resultados relevantes, algumas limitações devem ser consideradas. A restrição da amostra a participantes de grupos católicos virtuais limita a generalização dos achados. Uma amostragem mais ampla e diversificada permitiria aprofundar a compreensão dos efeitos da Eucaristia, ampliando não apenas a representatividade, mas também a variedade de percepções e experiências entre diferentes perfis de fiéis.

Para pesquisas futuras, recomenda-se a inclusão de metodologias qualitativas, como etnografias e entrevistas em profundidade. Essas abordagens poderiam

enriquecer significativamente a análise das dimensões subjetivas e comunitárias da experiência eucarística, complementando os dados quantitativos.

Em síntese, esta pesquisa reafirma o papel central da Eucaristia na espiritualidade católica e aponta para novas possibilidades de reflexão sobre as relações entre religião, cultura e transformação pessoal. Os resultados evidenciam a importância de abordagens interdisciplinares no estudo dos fenômenos religiosos, sugerindo caminhos promissores tanto para o campo acadêmico quanto para a prática pastoral.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**: Os sacramentos: III parte – questões 60-90. 2. ed. v. 9. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de G. Reale e M. Perine. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2015. Vol. II.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BORGES, Célia Maria. Em honra ao Senhor: a devoção à hóstia consagrada pelos irmãos do Santíssimo Sacramento em Minas Colonial. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, 2011. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548855457_eabb4eaa84bc4b17dc7efee143f87bc3.pdf Acesso em: 21 abr. 2025.
- CASEAU, Béatrice. A Eucaristia no centro da vida religiosa das comunidades cristãs (fim do século IV ao século X). In: BROUARD, Maurice (Org.). **Eucharistia**: enciclopédia da Eucaristia. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- CARVALHO, Eliane Knorr de. **Canibalismo e normalização**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Eliane-Carvalho-2/publication/353437070_Canibalismo_e_Normalizacao/links/60fc663e0c2bfa282afc5429/Canibalismo-e-Normalizacao.pdf Acesso em: 21 abr. 2025.
- CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. Canibais do Brasil: os açougues de Fries, Holbein e Münster (século XVI). **Tempo**, Niterói, v. 14, n. 28, p. 164-194, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/MXpRmXBYxdprQ6NhBkgKygQ/abstract/?lang=pt> Acesso em: 21 abr. 2025.
- DIDAQUÉ. O catecismo dos primeiros cristãos para a comunidade de hoje. São Paulo: Paulus, 2014.
- DUQUE, João. Eucaristia e corporeidade: o desafio dos sentidos. **Theologica**, v. 43, n. 1, p. 121-135, 2008. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/theologica/article/view/1471/1399> Acesso em: 21 abr. 2025.
- FARIAS, Dom Hernaldo Pinto. Eucaristia em tempos de pandemia: Considerações de um pastor. **Revista Teopraxis**, v. 37, n. 129, p. 49-60, 2020. Disponível em: <http://revista.itepa.com.br/index.php/teopraxis/article/view/8> Acesso em: 21 abr. 2025.
- FELDMAN, Sérgio Alberto. **História medieval**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2015.
- FERNÁNDEZ-ARRESTO, Felipe. **Comida**: uma história. Tradução de Vera Joscelyn. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, Clif Luri de Souza; SILVA JÚNIOR, Walter Ferreira da. Decisões cristológicas dos sete concílios ecumênicos. **Teológica: Revista Brasileira de Teologia**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 9-22, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://seminariodosul.com.br/wp-content/uploads/2024/12/Decisooes-Cristologicas-dos-Sete-Concilio.pdf> Acesso em: 21 abr. 2025.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Esmirniotas. *In: Padres apostólicos*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. p.113 - 125. (Coleção Patrística).

INOCÊNCIO III, Papa. **IV Concílio de Latrão**. 30 nov. 1215. Disponível em: <https://www.papalencyclicals.net/councils/ecum12-2.htm> Acesso em: 21 abr. 2025.

JAGURABA, Mariangela. **O Papa no Angelus**: a Eucaristia é necessária a todos nós. *Vatican News*, 18 ago. 2024. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-08/papa-francisco-angelus-jesus-pao-vivo-verdadeiro-pobres-gratidao.html#:~:text=A%20Eucaristia%20%C3%A9%20necess%C3%A1ria%20a%20todos%20n%C3%B3s%E2%80%9D%2C%20disse%20o%20Papa> Acesso em: 21 abr. 2025.

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. 11 out. 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html Acesso em: 21 abr. 2025.

JOÃO PAULO II. **Código de Direito Canônico**. 25 jan. 1983. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cdc/index_po.htm Acesso em: 21 abr. 2025.

JÚLIO III, Papa. Concílio de Trento (13ª sessão). *In: DENZINGER, Heinrich. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Tradução de José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Loyola: Paulinas, 2007. p. 419 – 425.

JUSTINO DE ROMA. I Apologia de Justino de Roma. *In: Padres Apostólicos*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística).

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LANCIANI, Giulia. O maravilhoso como critério de diferenciação entre sistemas culturais. Tradução de Marlene Suano. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 21-26, set. 1990/fev. 1991. Disponível em: https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3904 Acesso em: 21 abr. 2025.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Somos todos canibais. **Verve: Revista semestral autogestionária do Nu-Sol**, n. 9, 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verve/article/download/5123/3650> Acesso em: 21 abr. 2025.

LIMA, Tatiane Ribeiro de. **Antropofagia e o seu sabor sagrado**: ressignificações e contribuições no processo de construção de uma identidade brasileira. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação

em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/handle/tede/7891> .Acesso em: 21 abr. 2025.

MÉTRAUX, Alfred. **A religião dos Tupinambás**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. (Brasiliana, v. 267).

PALAZZO, Carmen Licia. Permanências e mudanças no imaginário francês sobre o Brasil (século XVI a XVIII). **Imaginário**, São Paulo, v. 12, n. 14, p. 105-138, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ima/article/view/42443> Acesso em: 21 abr. 2025.

PAULO VI. **Carta Encíclica Mysterium Fidei**. 03 set. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_03091965_mysterium.html Acesso em: 21 abr. 2025.

PAULO VI. **Constituição Sacrosanctum Concilium**. 04 dez. 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html Acesso em: 21 abr. 2025.

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. **Dicionário do latim essencial**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Clássica).

SANTOS, Lenalda Andrade; ALVARO, Bruno Gonçalves. **A Igreja na Alta Idade Média – aula 4**. História Medieval. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2012. p. 42-51. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/08032408102012Historia_Medieval_I_aula_4.pdf Acesso em: 21 abr. 2025.

SILVA, Emanuel Freitas da; SILVEIRA, Emerson José Sena da. **Quando a religião (des)comunica a ciência: o catolicismo brasileiro e a pandemia de Covid-19**. 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/download/24137/17723> .Acesso em: 21 abr. 2025.

SOUZA, Ney de; DIAS, Tiago Cosmo da Silva. O cisma na Igreja Católica Apostólica Romana e o nascimento da Igreja ortodoxa: uma releitura histórica e as tentativas de reaproximação. **Caminhos de Diálogo**, v. 9, n. 15, p. 274-285, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/caminhosdedialogo/article/view/28630> .Acesso em: 21 abr. 2025.

STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. (Coleção Biblioteca Básica Brasileira, 12).

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

WOODS JR., Thomas E. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. Tradução de Élcio Carillo; revisão de Emérica da Gama. São Paulo: Quadrante, 2008.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

17/05/2025, 21:24

Formulário de Pesquisa

Formulário de Pesquisa

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada "A Eucaristia e Sua Significação: Percepções e Experiências na Vida Religiosa", desenvolvida por José Victor Carvalho da Silva, acadêmico do curso de Licenciatura em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Fernanda Lemos.

Sua participação é **voluntária**, e todas as respostas serão **anônimas e sigilosas**, utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos. Nenhuma informação pessoal será coletada, garantindo total privacidade dos participantes. Caso tenha dúvidas, entre em contato pelo e-mail jvcarvago@gmail.com ou telefone [\(83\) 98637-6416](tel:(83)98637-6416)

* Indica uma pergunta obrigatória

1. **Qual o seu Sexo?***

Marcar apenas uma oval.

- Masculino
- Feminino
- Outro: _____

2. **Qual a sua Idade?***

3. **Qual região você reside?***

Marcar apenas uma oval.

- Norte
- Nordeste
- Sul
- Sudeste
- Centro-Oeste

Instruções: Para cada pergunta a seguir, escolha a alternativa que melhor representa sua opinião ou experiência.

Significado da Eucaristia

4. 1. Para você, o que acontece com o pão e o vinho durante a Eucaristia *
Marcar apenas uma oval.

- Transformam-se no corpo e sangue de Cristo.
- Tornam-se um símbolo do corpo e sangue de Cristo.
- Continuam sendo pão e vinho, mas ganha um significado espiritual.
- São apenas pão e vinho, sem mudança.
- Não tenho uma opinião formada sobre isso.

5. 2. Qual a importância, para sua fé, da crença de que o pão e o vinho se tornam *
o corpo e sangue de Cristo durante a Eucaristia?
Marcar apenas uma oval.

- Essencial, é o cerne da minha fé.
- Importante, mas não é o único aspecto que considero.
- Pouco importante, o simbolismo é mais relevante para mim.
- Não acredito nessa transformação.
- Nunca pensei sobre isso.

6. 3. Para você, a Eucaristia é: *
Marcar apenas uma oval.

- Um momento essencial de encontro com Deus.
- Um ritual importante, mas não indispensável.
- Um símbolo significativo, mas sem impacto prático na minha vida.
- Apenas uma tradição da Igreja.
- Algo que não me diz respeito.

Experiência de sentir Deus e Fortalecimento da fé

7. 4. Ao receber a Eucaristia, você sente a presença de Deus?*

Marcar apenas uma oval.

- Sim, sempre sinto uma conexão profunda com Deus.
- Às vezes, depende do meu estado espiritual e emocional.
- Raramente, mas respeito quem sente.
- Nunca senti, mas acredito que outros possam sentir.
- Não acredito que seja possível sentir Deus dessa forma.

8. 5. Qual a relação entre a Eucaristia e sua Fé?*

Marcar apenas uma oval.

- Fortalece minha fé de maneira essencial.
- Tem um impacto positivo, mas não é o único fator.
- Não muda minha fé, mas é um momento importante.
- Não vejo relação entre Eucaristia e minha fé.
- Não acredito que a Eucaristia tenha qualquer impacto.

9. 6. Qual a relação entre a Eucaristia e sua capacidade de enfrentar desafios?*

Marcar apenas uma oval.

- Fortalece minha capacidade de enfrentar desafios. Às
- vezes me ajuda, dependendo da situação. Não me
- ajuda, mas me faz refletir sobre minha vida. Não vejo
- relação entre Eucaristia e desafios pessoais. Não
- acredito que a Eucaristia tenha qualquer impacto.

17/05/2025, 21:24

Formulário de Pesquisa

10. 7. Qual a relação entre Eucaristia e sua felicidade?*

Marcar apenas uma oval.

- É essencial para minha felicidade e paz interior.
- Contribui de forma sutil e indireta.
- Às vezes me traz felicidade, em momentos específicos.
- Não vejo relação entre Eucaristia e felicidade.
- Não acredito que a Eucaristia tenha qualquer relação com a felicidade.

Força para enfrentar pecados e transformação pessoal

11. 8. Qual a relação entre Eucaristia e sua capacidade de lidar com pecados e fraquezas? *

Marcar apenas uma oval.

- Me fortalece para superar pecados e tentações.
- Às vezes me ajuda, mas depende do meu esforço pessoal.
- Não me ajuda, mas me faz refletir sobre meus erros.
- Não vejo relação entre Eucaristia e pecados.
- Não acredito em pecados ou necessidade de superá-los.

12. 9. Após receber a Eucaristia, você se sente mais motivado(a) a mudar de vida? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, sempre sinto uma renovação espiritual e vontade de mudar.
- Às vezes, dependendo do momento.
- Raramente, mas já senti isso em ocasiões especiais.
- Não, não percebo nenhuma mudança.
- Não acredito que a Eucaristia tenha esse efeito.

17/05/2025, 21:24

Formulário de Pesquisa

13. 10. Qual a relação entre a Eucaristia e valores como perdão e compaixão em sua vida? *

Marcar apenas uma oval.

- Sempre me inspira a ser mais perdoador(a) e compassivo(a).
- Às vezes, mas depende do meu estado emocional.
- Raramente, mas já refleti sobre esses valores durante a missa.
- Não vejo relação entre Eucaristia e esses valores.
- Não acredito que a Eucaristia tenha qualquer impacto nisso.

Frequência e preparação para a Eucaristia

14. 11. Com que frequência você participa da Eucaristia?*

Marcar apenas uma oval.

- Várias vezes por semana (em todas as missas).
- Toda semana, uma vez.
- Apenas em ocasiões especiais.
- Raramente, quando sinto necessidade.
- Não participo da Eucaristia.

15. 12. Como você se prepara para receber a Eucaristia?*

Marcar apenas uma oval.

- Com confissão, oração e reflexão.
- Com leitura da Bíblia e meditação.
- Participando ativamente da missa.
- Não me preparo, apenas vou à missa.
- Não participo da Eucaristia.

17/05/2025, 21:24

Formulário de Pesquisa

16. 13. Na sua opinião, qual a importância de se preparar espiritualmente para a Eucaristia? *

Marcar apenas uma oval.

- Essencial, é parte fundamental do sacramento.
- Importante, mas não é obrigatório.
- Pouco importante, o que importa é a intenção.
- Não vejo necessidade de preparação.
- Não participo da Eucaristia.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários